

---

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

---

### ENTRE CADERNOS, LIVROS E PAPEIS AVULSOS: O DOSSIÊ AUTOBIOGRÁFICO DO ESCRITOR OLIVEIRA TELLES

Renata Ferreira Costa<sup>1</sup> (UFS)

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma investigação dos documentos de natureza autobiográfica contidos no arquivo pessoal do escritor sergipano Manuel dos Passos de Oliveira Telles, atualmente preservado no Fundo Oliveira Telles do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, batizado de Dossiê Autobiográfico. Composto por uma variedade de textos, o dossiê oferece fragmentos de memória e confissões que revelam como o autor se via e se sentia, desempenhando um papel fundamental na determinação de sua identidade pessoal e literária. A abordagem metodológica deste trabalho é fundamentada em teorias relativas aos arquivos pessoais e à escrita autobiográfica. Essa base teórica proporciona um quadro conceitual sólido para a análise do dossiê, possibilitando uma compreensão do estilo do autor, de sua análise crítica social, das características de sua subjetividade e da construção de uma imagem pública. Ademais, a pesquisa lança luz sobre a importância dos arquivos pessoais e dos documentos autobiográficos como fontes valiosas para a pesquisa histórica e literária. Os resultados evidenciam a relevância do estudo dos documentos autobiográficos para desvendar os processos de construção identitária de escritores e para enriquecer o panorama da história e literatura regionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita de si; discurso autobiográfico; arquivo pessoal; Oliveira Telles.

### BETWEEN NOTEBOOKS, BOOKS AND LOOSE PAPERS: THE AUTO- BIOGRAPHICAL DOSSIER OF THE WRITER OLIVEIRA TELLES

**ABSTRACT:** This article presents an investigation of autobiographical documents housed within the personal archive of Manuel dos Passos de Oliveira Telles, a Sergipean writer. This archive, currently preserved in the Oliveira Telles Fund of the Historical and Geographical Institute of Sergipe, is known as the Autobiographical Dossier. Spanning a variety of texts, the dossier offers glimpses of memory and confessions that illuminate the author's self-perception, playing a pivotal role in shaping both his personal and literary identity. The methodological approach of this study is grounded in theories pertaining to personal archives and autobiographical writing. This theoretical framework provides a solid foundation for analyzing the dossier, facilitating an exploration of the author's stylistic choices, his critical social analysis, the nuances of his subjectivity, and the construction of his public image. Moreover, this research underscores the significance of personal archives and autobiographical documents as invaluable sources for historical and literary inquiry. The findings of this investigation underscore the importance of studying autobiographical documents in uncovering the processes of writers' iden-

---

<sup>1</sup> [renataferreiracosta@yahoo.com.br](mailto:renataferreiracosta@yahoo.com.br) - <https://orcid.org/0000-0002-4263-4955>



tity formation and in enriching our understanding of regional history and literature.

KEYWORDS: writing the self; autobiographical discourse; personal archive; Oliveira Telles.

Recebido em 15 de novembro de 2023. Aprovado em 26 de março de 2023.

## INTRODUÇÃO

O estudo de textos autobiográficos, ou de escritos de si, ganha relevância significativa no contexto pós-Segunda Guerra Mundial, no qual a demanda por textos ficcionais autobiográficos ou confessionais experimentou um notável crescimento. Amaral (2017: 340) destaca que esse fenômeno deu origem a um campo de estudos robusto, ancorado nas ciências humanas, dedicado à identificação de características que possibilitam a classificação de textos como “biografia, autobiografia, romance autobiográfico e autoficção”.

Nesse cenário, é importante considerar a emergência dos estudos dos arquivos pessoais como uma extensão natural desse interesse crescente pela escrita autobiográfica. A preservação de documentos pessoais, torna-se fundamental para a investigação da criação literária, para a produção de biografias e para a interpretação do legado sociocultural e literário de um autor.

A pesquisa em arquivos pessoais oferece uma janela única para o processo criativo do autor, relevando não apenas as escolhas conscientes na produção textual e os contextos mais amplos que moldaram sua escrita, mas também traços de personalidade ou a representação de si no discurso, abrindo espaço para a intersecção entre vida e obra.

Desta forma, este artigo tem como objetivo analisar os documentos de natureza autobiográfica do arquivo pessoal do escritor sergipano Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1859-1935), que constituem o que se denominou “Dossiê Autobiográfico”.

Embora possa ser considerado um escritor “obscuro” em termos de reconhecimento nacional, Oliveira Telles é uma figura de grande importância dentro do contexto literário e historiográfico de Sergipe. Sua trajetória como um intelectual que viveu afastado dos centros culturais mais proeminentes do país na época, como o Rio de Janeiro, reflete uma realidade compartilhada por muitos outros escritores que enfrentaram o que Pascale Casanova (Carvalho 2008: 75) descreve como a “maldição da origem”. Nesse sentido, a análise dos arquivos pessoais desse escritor adquire uma relevância ainda maior, pois não se trata apenas de entender sua obra em si, mas de resgatar e dar visibilidade a uma voz literária que, devido às circunstâncias de sua vida e carreira, pode ter sido marginalizada ou negligenciada pela historiografia literária dominante.

Ao examinar os documentos que compõem o Dossiê Autobiográfico de Oliveira Telles, é possível compreender sua produção literária e cultural em um contexto mais amplo, além de reconhecer as lutas, desafios e influências que moldaram sua escrita

e sua identidade como autor sergipano. Dessa forma, o estudo desse acervo lança luz sobre a obra de Oliveira Telles ao mesmo tempo em que contribui para uma melhor compreensão da diversidade cultural e literária brasileira, valorizando vozes que, de outra forma, permaneceriam na periferia do discurso acadêmico e crítico.

Para alcançar tal objetivo, o trabalho fundamenta-se em uma abordagem teórica relativa aos arquivos pessoais e à escrita autobiográfica, que visa oferecer um quadro conceitual sólido para a análise dos documentos autobiográficos de Oliveira Telles, permitindo a compreensão mais aprofundada do estilo do autor, de sua análise crítica social, das características de sua subjetividade e da construção de uma imagem pública.

## 1. MANUEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELLES: O HOMEM E SEU LEGADO

Manuel dos Passos de Oliveira Telles nasceu em 29 de agosto de 1859, na Vila de Nossa Senhora do Socorro do Tomar da Cotinguiba, então jurisdição da cidade sergipana de São Cristóvão, a quarta mais antiga do Brasil. Dos poucos registros sobre sua infância, destaca-se a conexão com a região em que nasceu: “Não sou christovano; sou cotinguibeiro. Nasci na villa do Socorro, atraz da igreja do Amparo, em uma casa que existiu. Socorro é como S. Christovão uma colmeia, um enxame de lendas e tradições, e todas bafejaram minha infancia” (Telles 2013: 144).

Socorro é descrita como uma “colmeia” e um “enxame” de lendas e tradições, indicando uma riqueza cultural e histórica que permeou sua infância. Essas palavras evocam uma sensação de movimento, vitalidade e abundância de histórias que moldaram suas primeiras experiências de vida.

Em carta ao Barão de Sturdat (s/d), Oliveira Telles também relembra com nostalgia sua infância em Propriá, revelando ter sido uma criança feliz em contato com a natureza: “Lembrou-me a minha infancia, em Propriá, quando eu corria traquinas pelas várzeas em sêcco atraz das borboletas e rolas bravias. Que alegria louca e infantil ao encontrar um ninho de beija-flor artisticamente entretecido e alcatifado de algodão!” (Telles 1886-1915: fol. 51r.).

Filho do padre Antonio Moniz Teles e de Maria Luiza de Oliveira Pita, recebeu, sob a tutela de seu pai, os estudos das primeiras letras, incluindo os rudimentos da gramática latina. De sua mãe, Oliveira Telles recorda os ensinamentos morais relativos à gratidão e ao reconhecimento e valorização das boas ações, os quais moldaram seu caráter desde cedo.

Em 1870, a família mudou-se para Aracaju, a capital da província, onde Oliveira Telles prosseguiu com seus estudos. Entre os anos de 1873 e 1877, frequentou o curso de humanidades do colégio Atheneu Sergipense, que foi pioneiro na instrução pública em Sergipe e acolheu jovens que se tornariam, em diversas épocas, notáveis intelectuais e personalidades públicas. Mais tarde, em 1898, Oliveira Telles retornaria

ao Atheneu como professor de grego e diretor, consolidando sua ligação com a instituição e contribuindo para a formação de novas gerações de estudantes.

Posteriormente, deu início aos seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, porém, devido a questões de saúde, teve que abandoná-los. Em 1881, ingressou na renomada Faculdade de Direito do Recife, onde se graduou bacharel em ciências jurídicas e sociais em 1885.

O período em que viveu em Recife, frequentando as aulas da Faculdade de Direito, envolvendo-se com movimentos literários e integrando o grupo de “bacharéis do Recife”, composto por jovens discípulos do renomado professor, filósofo, escritor e jurista sergipano Tobias Barreto de Meneses, foi de extrema importância em sua formação intelectual. Naquele ambiente vibrante, sua paixão pela filosofia e pela literatura encontrou solo fértil, influenciando diretamente suas ideias, sua visão de mundo e, conseqüentemente, sua produção como escritor.

Dessa época, suas recordações mais vivas e afetuosas estão centradas em seu mentor, Tobias Barreto, que, reconhecendo o potencial do jovem Manuel, o instigou a explorar novos horizontes e continuou a inspirá-lo ao longo de toda a sua vida, deixando uma marca indelével em sua trajetória pessoal e intelectual.

Em correspondência a Monteiro Filho, datada de 26/07/1902, ao tratar de uma carta de Tobias Barreto a seus discípulos sergipanos, estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia (Recife 05/12/1882), Oliveira Telles confessa sentir saudades dos tempos da adolescência na Academia:

Lida e relida por mim essa carta, bateu-me em cheio no peito a onda da saudade. Volvi-me a um passado em que as illusões me escaldavam a imaginação, promettedoras e viçosas, e tudo dera para remoçar aquella vida de sonhos. Surgiram ante mim as scenas mais agradaveis da adolescência. (Telles 1886-1915: fol. 135r.)

Embora tenha tido uma significativa projeção acadêmica e literária em Recife, Oliveira Telles não teve atuação política, abstendo-se de manifestar seu posicionamento nesse sentido. Sua dedicação parece ter se concentrado principalmente em seus estudos e em sua produção literária, demonstrando, na época, uma postura mais reservada quanto às questões políticas:

A bem da verdade declaro que como estudante nunca fiz parte de aggremações politicas. Se alguma vez manifestei-me foi em Sergipe mesmo pelos annos de 1876 a 1877 (era tam creança!), em que alardeava republicanismo sem conhecimento de qualquer idéa politica. [...] minha exaltação partidaria era um simples echo ou imitação. (Telles 1886-1915: fol. 6v.)

No último ano do curso de Direito, Oliveira Telles foi designado promotor público em Mossoró, no Rio Grande do Norte. Entretanto, por questões políticas, foi demitido do cargo. Sua rápida passagem pela cidade de Mossoró deixou saudades: “Data

d’ahi uma phase de minha vida que passou rapida deixando-me uma saudade que não se apaga e recordações que não morrem” (Telles 1886-1915: fol. 40v.).

No ano seguinte, em 1886, assumiu o mesmo cargo em Itabaiana, Sergipe. Posteriormente, ocupou diversos cargos na magistratura sergipana, incluindo juiz municipal em Itabaiana, Itaporanga, São Cristóvão e Gararu, administrador da Mesa de Rendas Federais, em São Cristóvão, juiz de Direito da Comarca de Estância e da Comarca de Aracaju, e juiz de Direito da 1ª vara da capital, cargo em que se aposentou. Desempenhou ainda as funções de professor e diretor do Atheneu Sergipense e de diretor da Instrução Pública (Costa 1955).

Quando promotor público em Itabaiana, Oliveira Telles conheceu a viúva dona Maria Pastora, com quem, em 16 de outubro de 1889, uniu-se em matrimônio e teve quatro filhos. Em diversos de seus textos autobiográficos, o escritor não deixou de mencionar episódios com membros de sua família e o amor dedicado a eles.

Ao contrário de muitos de seus conterrâneos que emigraram para os grandes centros de cultura da época, como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, o escritor, contrariando a recomendação de seu mestre e amigo Tobias Barreto, permaneceu, por exigência da família, em Sergipe, um estado ainda predominantemente provinciano.

Tornando a Sergipe em Dezembro de 1885 com um titulo que poderia rasgar as portas do futuro fui perseguido pela primeira exigencia. Fui embaraçado no primeiro vão de minha ambição. Minha familia impoz, exigiu, oppor-se á minha emigração e eu cedi para não mostrar-me esquecido dos sacrificios que por mim foram feitos. O Doutor Tobias Barretto, em 1883, em colloquio intimo deu-me este conselho de amigo e mestre: – “Quando formar-se abandone Sergipe, fique em Pernambuco. Estarei sempre ao seu lado”. – Eram minhas vistas, ali estabelecer meu domicilio; mas foi impossivel. Minha fraqueza perante o conselho da familia obrigou-me a ficar. (Telles 1886-1915: fol. 6r./6v.)

A permanência em Sergipe custou a Oliveira Telles arrependimento e ressentimento profundos, que os atormentaram por toda a vida. Profissionalmente, apesar do peso de seu diploma e dos cargos que ocupou na alta administração local, por conta de perseguição política e da concorrência na burocracia pública, não conseguiu alcançar uma posição de destaque, que contribuísse para sua realização pessoal, profissional e, sobretudo, financeira, como declarou ao seu conterrâneo Aristides Navarro, em carta datada de 26/07/1896:

Sim, caro patricio, estou cansado de viver em nossa patria. Pertencço á grande familia dos desenganados da sorte, aos quaes nenhum esforço aproveita. Sou bacharel, meu pergaminho não é nodoado, mas é infeliz. Vivo pauperrimo nesta cidade decadente, temendo pelo futuro de meus filhos, sem recursos para o acautelar. Das minhas relações da vida social colhi um diploma maçônico, que ainda não me servio; talvez porque ainda não chegasse a occasião. (Telles 1886-1915: fol. 88r./ 88v.)

Embora não ter alcançado o reconhecimento que almejava tenha levado Oliveira Telles a se ressentir e se autodenominar um escritor “obscuro” – “Vivo longe dos centros de actividade litteraria e sou como uma sombra de outr’ora em face dos intellectuaes que sabem progredir. Eu não sei: sou um obscuro” (Telles 1886-1915: fol. 127r.) –, não pode ser subestimado como um escritor menor, já que a peculiaridade de sua obra reside na atenção dedicada à história, às pessoas e aos costumes locais, elementos que poderiam ter sido menos expressivos se observados à distância.

A sua frustração pessoal e intelectual teve impacto direto na disseminação de sua obra, uma vez que não se interessou, ou não encontrou condições financeiras, em publicar seus textos em larga escala. No entanto, como um intelectual múltiplo de seu tempo, foi capaz de abordar temas diversos em discursos, correspondência, conferências, artigos, ensaios, contos, novelas, romances, poesias, textos dramáticos e críticas literárias, a maioria dos quais vinculada na imprensa, ganhando reconhecida importância na historiografia sergipana, o que permitiu que fosse reconhecido como o “percursor de uma ‘história da cultura local’”, como destaca Freitas (2004: 10A).

Como parte significativa de sua produção, para além de colaborações em variados periódicos, nos quais, inclusive, chegou a usar os pseudônimos “Garcia Moreno” e “Garcia Moniz” (Guaraná 1925), destaca-se a obra *Sergipenses: Escriptos Diversos*, lançada em 1903. É uma coletânea de vinte e nove textos ficcionais e não ficcionais produzidos entre 1885 e 1897 e publicados na imprensa, nos quais aborda uma diversidade de temas com destaque para “a cor local”, como aponta o próprio autor (Telles 2013).

Há que se fazer referência ainda aos seus estudos sobre a história de Sergipe, como evidenciado em sua obra dramática *A Conquista de Sergipe* (1961) e em *Limites de Sergipe* (1919). Vale ressaltar também sua produção poética, com especial atenção para o poema “Itabaiana” e a coletânea inédita de poemas intitulada *Christophaneida*.

Sua influência e relevância social e cultural se manifestam não apenas através de sua obra, mas também na posição que ocupou em diversas instituições culturais, acadêmicas e políticas. Destaca-se sua participação como sócio fundador da Academia Sergipana de Letras, sócio correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, membro da Academia Maçônica Sergipana e sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ademais, foi presidente do Partido Cabaú, presidente do Centro Socialista, do Partido Socialista, do Centro de Propaganda do Voto Secreto de Sergipe e da Sociedade Lira Cristovense, e vice-presidente do Centro Pedagógico (Costa 1955). Sua atuação nessas instituições não apenas evidenciou seu compromisso com a preservação e promoção da cultura sergipana e sua preocupação com os rumos políticos locais, mas também lhe conferiu reconhecimento e respeito significativos dentro do meio intelectual, literário e social da época.

Em 1923, segundo Nascimento (2017), Oliveira Telles foi encarregado por Graccho Cardoso, então presidente do estado, de ir a Pernambuco recolher e organizar uma edição das obras completas de Tobias Barreto. O trabalho realizado não apenas tornou acessível o pensamento de Barreto a um público mais amplo, mas também con-

tribuiu para a consolidação de sua posição como uma das figuras mais influentes da história intelectual do Brasil.

A dedicação incansável de Oliveira Telles ao legado de seu mestre e ao desenvolvimento cultural de Sergipe moldou-o como uma figura de destaque no panorama intelectual da época, como noticiado no necrológio que o Correio de Aracaju lhe dedicou como derradeira homenagem. No dia 14 de maio de 1935, depois de uma vida de lutas, angústias e decepções, mas também de resignação e esperança, descansou Manuel dos Passos de Oliveira Telles. Sua partida deixou um vazio na comunidade local, pois fora não apenas um cidadão respeitado, mas também um jurista e homem de letras admirado por muitos. Como afirma Costa (1955: 16), Oliveira Telles representa “uma das mais legítimas formações mentais desta desvalida terra à qual muito amou, serviu e enalteceu”.

## 2. O ARQUIVAMENTO DO EU

Ao longo de mais de quatro décadas, Manuel dos Passos de Oliveira Telles guardou registros de sua trajetória. Os documentos arquivados e, atualmente, disponibilizados para pesquisas, não apenas revelam aspectos de sua vida pessoal e pública, mas também refletem uma busca por autoconhecimento e catarse.

Após o falecimento de Oliveira Telles, seu acervo foi doado ao IHGSE por seu filho, Antônio Muniz Teles. A relevância da custódia desses documentos pela instituição é destacada pelo rico legado cultural do escritor, que não só foi um dos sócios fundadores, mas também um intelectual engajado. Sua contribuição significativa, através de discursos, conferências, artigos, ensaios e textos literários enriqueceu profundamente o panorama intelectual e cultural da sociedade sergipana na passagem dos séculos XIX e XX. Isso corrobora a observação de Camargo de que “só se costuma atribuir valor permanente aos arquivos de pessoas que alcançaram alguma expressão ou proeminência no mundo da política, da ciência, das artes, do direito, da filosofia ou da literatura” (2009: 29).

Na contemporaneidade, arquivos pessoais, como o de Oliveira Telles, desempenham um papel fundamental na cena literária e na crítica filológica, oferecendo elementos para a compreensão sobre como os escritores se apresentam por meio de seus trabalhos e registros pessoais. Marques (2015), ao se basear nas ideias de Philippe Artières, argumenta que, em sociedades letradas, a identidade das pessoas é construída através de documentos escritos. Ele introduz o conceito de “arquivamento do escritor”, sugerindo que há um processo complexo envolvendo não apenas a preservação de documentos, mas também a maneira como o próprio escritor se retrata e se apresenta ao longo do tempo.

O arquivamento da própria vida “é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”

(Artières 1998: 32). Essa reflexão sobre o papel dos arquivos pessoais na construção da identidade e na perpetuação da vida através da escrita evidencia a importância da relação entre o registro documental e a expressão individual, revelando como os escritores se imortalizam por meio de suas narrativas e memórias registradas.

Entretanto, Derrida (2001) observa que não se deve reduzir o arquivo a um lugar de memória e retorno à origem, para onde se deve ir em busca de um passado perdido, uma vez que, embora os arquivos pessoais desempenhem um papel na construção e na manutenção de identidades, eles também podem desafiar ou perturbar essa identidade devido às lacunas, contradições e ambiguidades que inevitavelmente surgem. Assim, os arquivos pessoais não são simplesmente depósitos neutros de informações, mas são resultado de escolhas conscientes e inconscientes de seus criadores, bem como de contextos sociais e culturais mais amplos.

Perspectiva diferente sobre a natureza dos documentos de arquivos pessoais é apresentada por Camargo (2009), destacando sua função probatória ao afirmar que eles refletem as atividades cotidianas dos indivíduos e devem ser interpretados dentro desse contexto funcional, em vez de serem vistos como reflexões distorcidas da autobiografia do produtor. A autora adverte contra a subversão dessa relação entre os arquivos pessoais e seu contexto de produção, alertando para o perigo de interpretar os documentos apenas com base em seu potencial de uso, em detrimento das ações que justificaram sua produção.

O conjunto documental doado ao IHGSE, que constitui atualmente o Fundo Oliveira Telles, é composto por seis caixas devidamente acondicionadas, que abrangem aproximadamente 30 documentos, entre manuscritos diversos e outros registros, como recortes de jornal, anotações do cotidiano, comentários, livros, projetos de livros, traduções, cópias de correspondência e discursos, datados entre 1885 e 1930.

É fundamental destacar que essa documentação não inclui documentos de natureza profissional ou civil, mas sim uma variedade de textos de produção intelectual e correspondências. Essa peculiaridade define o arquivo como sendo de caráter mais literário.

Dessa forma, o acervo de Oliveira Telles pode ser analisado pela perspectiva da função instrumental dos documentos e do arquivamento consciente de si, conforme Camargo (2009) e Derrida (2001), respectivamente. Essas duas abordagens podem complementar-se mutuamente na compreensão da natureza e do significado do arquivo pessoal de Oliveira Telles.

Por um lado, é possível considerar que os documentos presentes no arquivo podem servir como evidências das atividades cotidianas do titular, refletindo suas ações, relações e contexto social e profissional, especialmente como homem de letras e no contexto do diálogo epistolar que estabeleceu. O que se enfatiza é o valor probatório dos documentos, ou seja, sua capacidade de fornecer informações sobre as atividades e experiências do escritor, independentemente de sua intenção consciente ao arquivá-los.

Por outro lado, também é válido interpretar que os documentos selecionados e preservados por Oliveira Telles podem refletir sua própria visão de si mesmo e de sua história. Essa abordagem sugere que o escritor fez escolhas deliberadas sobre quais documentos incluir em seu arquivo, buscando construir uma narrativa ou imagem particular de si mesmo para a posteridade.

Nesse caso, seria possível argumentar, tomando como referência Heymann, que o arquivo pessoal produzido pelo titular tem uma dimensão intencional, marcada “pela projeção de um devir histórico, por uma obra tida como grandiosa e em relação a qualquer detalhe ou projeto seria dotado de significado, e não por uma acumulação motivada [apenas] pela guarda de registros que pudessem atestar atividades ou experiências vividas” (2009: 51).

Logo, seria esse um “arquivo-projeto”? Certamente que sim.

Vale ressaltar a diversidade de documentos presentes no Fundo, que incluem várias versões de textos inéditos ou já publicados em periódicos e coletâneas de livros. Tais textos aparecem em diferentes formatos, seja em papéis avulsos, cadernos ou cadernetas de anotações, frequentemente apresentando alterações autorais. Em muitos casos, percebe-se a hesitação de Oliveira Telles quanto ao destino desses textos, questionando se seriam publicados em conjunto, em determinado livro, ou se deveriam seguir para a imprensa. Analisar o arquivo sob esse ponto de vista, oferece ao pesquisador a oportunidade única de adentrar a oficina do escritor, testemunhando parte de seu *modus operandi* e seu processo criativo em andamento, abrindo caminho para edições críticas e genéticas.

Destaca-se ainda, entre esses textos, um notável *corpus* de natureza autobiográfica que inclui correspondência, artigos, discursos, cadernos de anotações, além de livros manuscritos. São fragmentos de memória e revelações de como o autor se via e se sentia, que representam discursos fundamentais para a determinação de sua identidade.

Na visão de Anne Zink (Camargo 2009:30), no repertório de um arquivo pessoal, são justamente os textos autobiográficos, também denominados “egodocumentos”, como “diários íntimos, registros de despesas domésticas e, especialmente, correspondências”, que ganham maior relevância e “têm sido objeto de amplo interesse acadêmico, envolvendo diversas disciplinas”. Ao corroborar com essa afirmação, Marques salienta que:

está presente no arquivamento do escritor uma clara intenção autobiográfica, voltada especialmente para os aspectos intelectuais e culturais de sua trajetória de vida. [...] ele parece manifestar o desejo de distanciar-se de si mesmo, tornando-se um personagem – o autor. O que permite compor outra imagem de si, neutralizando de certa maneira o eu biográfico, sua precariedade e imprevisibilidade. (2003: 149)

Ao examinar esses documentos, é possível identificar não apenas um retrato da história e do pensamento do autor, mas também da história da sociedade sergipa-

na. Contudo, é importante reconhecer que um arquivo como esse contém lacunas e ambiguidades, como afirma Derrida (2001). A compreensão plena de sua vida e obra exige uma análise cuidadosa e contextualizada de cada documento, bem como investigações adicionais para traçar de maneira mais completa a complexidade desse notável escritor sergipano e seu legado para a cultura brasileira.

A seleção e organização dos documentos autobiográficos de Oliveira Telles em um dossiê foi um dos principais objetivos delineados no projeto de pós-doutorado “Fragmentos de si: a representatividade do ‘eu’ no discurso autobiográfico de Manuel dos Passos de Oliveira Telles”, conduzido por nós entre os anos de 2020 e 2021, na Universidade Aberta de Portugal, sob a orientação da professora doutora Isabel Roboredo Seara. Para atingir esse propósito, foram executadas diversas etapas de investigação, visando garantir a compilação e apresentação coerente de todas as informações relevantes.

Inicialmente, realizou-se uma ampla pesquisa em fontes bibliográficas para reunir todas as informações disponíveis sobre a vida e a obra do escritor. Esses dados foram então organizados de forma cronológica, destacando os momentos mais significativos de sua trajetória. Em seguida, foram efetuadas visitas ao IHGSE para examinar os documentos pertencentes ao Fundo Oliveira Telles, processo que permitiu a identificação e coleta dos textos autobiográficos.

É importante ressaltar que, apesar dos documentos estarem devidamente armazenados, o instrumento de pesquisa disponível para esse acervo, o “Catálogo do Fundo Manuel dos Passos de Oliveira Telles” (Chizolini, 2005), carece de uma organização e identificação arquivística adequada aos moldes dos arquivos pessoais, de modo a facilitar o acesso aos materiais e atender às demandas das pesquisas. À guisa de exemplo, no referido catálogo, muitos documentos estão listados de forma genérica ou ambígua, com foco no conteúdo informativo, sem considerar o seu contexto de produção e proveniência.

Fayet, citado por Camargo (2009), aborda a importância do contexto na interpretação e preservação de documentos arquivísticos, destacando que não podem ser entendidos sem considerar suas circunstâncias de produção, armazenamento e organização, uma vez que os arquivos refletem a personalidade ou instituição que os gerou. Nessa perspectiva, Mackemmish (Camargo 2009) enfatiza que o valor informativo dos documentos depende de seu valor probatório, ou seja, sua capacidade de evidenciar relacionamentos entre as partes envolvidas. Assim, “Nos arquivos pessoais, em que o uso de termos coletivos é uma constante (correspondência, produção intelectual, fotografias, recortes), encontram-se muitos documentos que, decorrentes ou não de relações interpessoais, jamais foram repertoriados, em detrimento de sua adequada classificação” (Camargo 2009: 34).

Nesse contexto, de modo a contribuir para o melhor atendimento das necessidades dos usuários do Fundo, foi produzido, sob nossa orientação, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), o “Inventário do Fundo Oliveira Telles” (2021), elaborado por Cibele de

Carvalho de Oliveira. Esse inventário oferece uma estrutura organizada e detalhada, que busca informar sobre o contexto de produção e a proveniência dos documentos do acervo. Além disso, ao fornecer uma abordagem mais sistemática de cada item, facilita o acesso e a compreensão dos materiais pelos pesquisadores. Esse instrumento de pesquisa, disponível, até o momento, somente no repositório institucional da UFS, serviu como fonte essencial para a identificação e coleta dos textos autobiográficos do escritor sergipano.

Depois do processo de coleta por fotografia, gerando edições fac-similares, procedeu-se à edição semidiplomática dos textos, sua classificação, a tentativa de uma organização cronológica e a interpretação de cada um deles.

A tentativa de organizar os textos cronologicamente foi malograda devido à ausência de datação em alguns deles e à abordagem adotada por Oliveira Telles, que, como outros escritores que registram suas memórias, não segue uma estrutura linear. Ao invés disso, ele retrata suas lembranças conforme estas vêm à mente, o que resulta em uma narrativa não linear e fragmentada.

O movimento não linear da narrativa autobiográfica também é justificado pelas escolhas conscientes do próprio escritor, que seleciona cuidadosamente o que deve ser enunciado e guardado, destacando eventos e memórias considerados significativos, enquanto outros são relegados ao esquecimento. Essa seleção ativa do material autobiográfico não apenas reflete a complexidade da experiência humana, mas também enfatiza a subjetividade inerente ao ato de lembrar e contar histórias pessoais.

Nessa ânsia de se confidenciar, há uma contradição: a vontade de se expor ao mesmo tempo em que se deseja guardar segredo, o que, por seu turno, remete às instâncias do privado/ íntimo e do público “de um texto que, à partida, não é destinado à publicação” (Seara 2018: 76). No entanto, a própria constituição de um arquivo pessoal, “pressupõe a ideia de um projeto autobiográfico lançado à posteridade”, assim, o ato de arquivar-se remete à vontade do escritor “de ser lembrado depois da morte, a pretensão de controlar a imagem que quer deixar de si” (Carvalho 2008: 113).

### **3. O DOSSIÊ AUTOBIOGRÁFICO DE UM ESCRITOR “OBSCURO”**

Por sua própria natureza, documentos da esfera autobiográfica formam um acervo pessoal, um lugar de memória que fornece informações da personalidade de seu titular, mas também da época e da sociedade em que viveu, obviamente, de acordo com sua perspectiva, numa intenção de construir uma imagem de si. Assim é que os arquivos pessoais, que por si só já constituem uma produção do eu, precisam ser lidos e interpretados. Conforme Venâncio, “cada documento do arquivo pessoal torna-se um desafio, um objeto singular a ser decifrado, tanto em suas condições de produção, quanto na sua organização discursiva” (Barreiros 2016: 240).

Arquivos pessoais possuem, então, uma dimensão autobiográfica por albergarem textos que apresentam narrativas centradas no “eu”, frequentemente em primeira

pessoa, sobre a vida de seu autor. Em “O pacto autobiográfico”, Philippe Lejeune apresenta o texto autobiográfico como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune 2014: 16). Em tal definição sobressai a figura de um narrador que se identifica com o nome do autor que assina a obra, ou a ela associada, e a personagem principal da narrativa, o que caracteriza o “pacto autobiográfico”, nos termos de Lejeune, como uma espécie de contrato de leitura que “propõe ao leitor um discurso sobre si” (2014: 63).

Assim, a autobiografia apoia-se em um único sujeito, uma pessoa real, que se afirma na relação autor-narrador-personagem ao revolver os arquivos de sua memória para expor suas próprias experiências passadas na construção de uma imagem de si, ou ainda, como aponta Seara (2018: 80-81), para “partilhar a carga emocional de determinados acontecimentos”, no que resulta o caráter confessional dos escritos intimistas, cujos “factos enunciados decorrem de estados de alma do narrador, desencadeados a partir de um acontecimento ou de uma situação que despoletou esse estado, de ordem afetivo”.

O arquivo do escritor Oliveira Telles, em sua dimensão autobiográfica, atende aos critérios formulados por Lejeune, revelando-se não apenas como um acervo documental, mas também como um testemunho vívido e multifacetado de sua vida e obra, assim como da sociedade em que viveu. Através de seus textos, emerge uma narrativa pessoal que transcende o mero relato histórico, transportando o pesquisador e o leitor comum para os recantos mais íntimos de sua existência, onde suas preocupações, alegrias, sonhos, lutas e triunfos encontram voz e expressão.

Esse corpus autobiográfico, batizado por nós de “Dossiê Autobiográfico”, foi classificado em quatro séries documentais:

#### 1. Cartas

- Carta a Epifânio Dória (São Cristóvão, 14/09/1920)
- Carta a Epifânio Dória (São Cristóvão, 24/09/1920)
- Carta ao Almirante Amintas Jorge (São Cristóvão, 1922)
- Carta a Silva Vianna (São Cristóvão, 21/06/1922)

#### 2. Discursos

- Celebração do Centenário da Fundação das Academias de Direito do Brasil (Aracaju, 11/08/1927)
- Dia de Finados (s/d)
- Posse na Academia Sergipana de Letras (s/d)

### 3. Livros manuscritos

- Livro Epistolar *Cartas Íntimas e Literárias* (1886-1915)
- *Sergipenses I* (1895-1897)
- Livro sem título (1895-1898)

### 4. Cadernos de anotações

- Caderno manuscrito com textos datados de 1892
- Fragmentos de um caderno de notas pessoais (1893?-1930)
- Caderneta de apontamentos (1914-1927)

Destaca-se nessa documentação o livro *Cartas Íntimas e Literárias* como o mais notável e fecundo registro da escrita de si de Oliveira Telles, constituindo um projeto autobiográfico, a partir de diálogos epistolares, que revela as profundas reflexões e experiências pessoais do autor.

Vivendo na transição entre os séculos XIX e XX no Brasil, período de grandes transformações e desafios, Oliveira Telles explorou em seus textos uma gama de questões relacionadas ao poder, à justiça e à identidade política. O escritor expressou sua insatisfação com o contexto político da época, particularmente com o federalismo, ao qual se opunha, e com o sistema partidário vigente.

No início de sua carreira, demonstrava uma forte inclinação pelo partido conservador, por influência paterna. Contudo, mais tarde, aderiu ao liberalismo, abraçando a República no momento de sua proclamação. Essa mudança de afiliação política, juntamente com outras atitudes que ele expôs, revela uma pessoa capaz de revisar seus posicionamentos e rever suas convicções.

Oliveira Telles também oferece um panorama das lutas travadas no cenário político sergipano entre o Partido Republicano Sergipano (“pebismo”) e o Partido Cabaú. Este último, do qual foi presidente, representou uma tentativa de contestar o controle político exercido pelas oligarquias agrárias e de promover uma maior participação política das camadas populares: “Pouco depois ocorreram as razzias políticas no Estado. O pebismo cresceu com terrível imprudência. Vi com tristeza o Município de São Christovam, criação minha em 1892 (desculpe este rasgo de immodestia) facilmente cair nos braços dos invasores por não ter uma cabeça que lhe equilibrasse os destinos” (Telles 1886-1915: fol. 93r).

Em diversas passagens de seus textos, apresenta análises e reflexões profundas e críticas sobre a sociedade sergipana, muitas vezes com especial atenção voltada para Aracaju. Destacam-se os momentos em que o escritor aborda a difícil realidade enfrentada pelos sergipanos, principalmente os menos favorecidos, obrigados a deixar sua terra natal em busca de melhores oportunidades, caracterizando essa condição como uma “terrível imposição de expatriação” (Telles 1886-1915: fol. 120v.).

Ao retratar Sergipe como uma “madrasta” para seus filhos, Manuel dos Passos de Oliveira Telles indica uma ausência de zelo e proteção por parte do estado em relação aos seus cidadãos. Suas próprias experiências como juiz são compartilhadas, revelando as adversidades e decepções que enfrentou em sua trajetória profissional. Ao expor casos de corrupção, perseguição, burocracia e escassez de recursos, suas narrativas evidenciam os obstáculos sociais enfrentados na época: “Sergipe realiza a sina de madrasta para seus filhos; os quaes, quando muito felizes, consumirão a actividade nos tedios do funcionalismo do Estado: como eu, que sou juiz, é verdade, mas arrasto uma vida de decadencias e de decepções” (Telles 1886-1915: fol. 120v.).

Em relação a Aracaju, Oliveira Telles destaca a estagnação cultural e intelectual, ressaltando a ausência de revistas científicas e sociedades literárias. Adicionalmente, ele aborda as difíceis condições de vida na cidade, mencionando os altos custos e a carência de conforto e higiene, mesmo para alguém com elevado capital cultural e em elevada posição na administração pública, como ele:

A capital de Sergipe é a cidade mais cara e mais incommoda do Brasil. Vive-se aborrecido e apertado em ruas largas ocupando casas sem o menor conforto e hygiene. Por esta razão sou obrigado a residir em São Christovam, outro termo da comarca, onde a existencia tambem se vae apertando em razão do minusculo progresso que alcançou com o assentamento de uma fabrica de tecidos e uma estação da Estrada de Ferro. (Telles 1886-1915: fol. 110v/111r.)

Oliveira Telles enfrentou uma série de desafios em sua vida, marcada por oportunidades malogradas e um ambiente hostil que abalou sua confiança e entusiasmo. Preso num ciclo de descontentamento, esse homem atormentado pelo desejo de alcançar uma posição privilegiada e economicamente mais rentável na carreira pública (almejava o cargo de desembargador) e o reconhecimento como grande homem de letras, lutou para encontrar seu propósito e solução para sua situação. Assim, apesar de sua formação e experiência profissional e seu grande talento intelectual, sentia-se desamparado e isolado, invisível, “obscuro”, como se autointitulava na correspondência, lutando para sustentar sua família e oferecer uma boa educação para seus filhos.

Apesar de suas frustrações, o intelectual reflete profundamente sobre sua jornada, marcada por arrependimento e ressentimento. No entanto, mostrou-se sempre resiliente, sem nunca perder completamente a esperança:

Meus dias tenho contados por desgostos. Na terrivel luca com as adversidades, se me sobram paciencia e coragem para enfreental-as, confesso-vos, não posso resignar-me com a ideà do esquecimento, ao qual de facto pareço votado. (Telles 1886-1915: fol. 98v.)

Sou de todo obscuro aqui e fora daqui. Tenho porem vivido uma vida de terriveis luctas, as quaes foram por ventura sufficientes para levarem-me á abastança

pelas victorias alcançadas, ou ao aniquilamento pelas derrotas, se me não assistisse tenaz e resignada Constancia. (Telles 1886-1915: fol. 87r.)

Para além dos infortúnios, o escritor “obscuro” revela-se um homem resiliente e perseverante, repleto de bons sentimentos, senso de justiça e desejo de transformar a sociedade. Em suas anotações e nas trocas de correspondências com colegas e amigos, transparece uma alma melancólica, mas que ainda assim encontra lampejos de alegria e força para enfrentar os desafios impostos pela vida.

Sua família constitui o epicentro de sua existência. Mesmo diante de perdas irreparáveis, encontra consolo e força no afeto e dedicação de sua esposa, filhos, genros, nora e netos:

Ah! não são os felizes os que deslisam suavemente á corrente da vida, mas aquelles que vencem á custa de penosos esforços. E eu tenho vencido/ e meus louros são os mais bellos, porque todas as flores de minhas victorias representam affectos e dedicações de minha querida esposa, de meus caros filhos, de meus genros e nóra e de meus innocentes netinhos. (Telles 1914-1927: fol. 46r.)

Apesar das experiências em outras terras distantes, Oliveira Telles nutre um amor incondicional por sua terra natal, enxergando-a como uma parte indissociável de sua identidade. Sua ligação com Sergipe é tão profunda que, mesmo em meio às belezas de outros lugares, é para lá que seu coração sempre retorna, impellido pela intensa sergipanidade que o define:

Não amava senão Sergipe, e fossem quaes fossem as illusões e devaneios de outra terra seus encantos, suas belezas, suas seducções brilhavam aos meus olhos mas como assumpto de comparação em que Sergipe naturalmente colhia a palavra engrandecida e vencedora. Amava com exclusivismo, não poucas vezes exasperado de ser tam sergipano. (Telles 1886-1915: fol. 43r.)

A respeito de sua obra, Oliveira Telles, em diálogo epistolar com sua rede de sociabilidade, reconhece o seu talento e a relevância de sua produção literária, agradecendo aos comentários e elogios recebidos.

No artigo “A propósito do Sergipe Artístico” (Telles 2013), incluído na obra *Sergipenses*, o escritor realiza uma autorreflexão acerca de seu próprio processo criativo, destacando um aspecto interessante: a ausência de revisão textual. Ao confessar que, ao reler suas próprias palavras, julga que “não presta” e que poderia fazer melhor, o autor expõe uma autocrítica franca e reveladora.

Oliveira Telles declara não se dedicar à tarefa de aprimorar seus escritos, optando por deixar intocável o que sua pena deixa cair sobre o papel. Essa atitude pode ser interpretada como um reflexo de um “rasgo de amor próprio”, no qual, mesmo ciente das imperfeições, escolhe preservar a autenticidade do momento de sua criação, sem intervenções posteriores.

Essa perspectiva introspectiva do autor lança luz sobre um aspecto fundamental do processo literário, evidenciando a tensão entre a expressão espontânea e a busca pela perfeição formal. A transparência ao admitir suas dúvidas quanto à qualidade de seu trabalho acrescenta uma camada mais íntima e reflexiva à discussão sobre sua obra, contribuindo para uma compreensão mais profunda da persona literária de Oliveira Telles, mas também, em certa medida, da representação que faz de si.

Sobre seu estilo, reconhece que não adere a nenhuma escola ou corrente literária específica, o que o mantém de certa forma antiquado, mas ao mesmo tempo novo. Essa dualidade pode ser interpretada como uma maneira de dizer que, apesar de não se alinhar com as tendências contemporâneas, o autor ainda traz uma perspectiva atual e original para sua poesia.

Segundo Marques, “arquivar a própria vida possibilita forjar uma imagem íntima de si mesmo, como contraponto à imagem social” (2003: 147). Assim, em sua narrativa de si, Manuel dos Passos de Oliveira Telles constrói uma imagem de um homem de modéstia extrema e natureza reservada, que prefere a solidão e a tranquilidade de São Cristóvão como refúgio:

Meu juízo é modesto e fragil e lh’o exponho com franqueza.

Em São Christovam vivi muito pobre, mas minha pobreza era regalada. Alli minha vida era uma ordem tripartira de acontecimentos tranquilos, não sendo incompatíveis o juiz, o poeta e o pequeno lavrador.

Distribuía justiça, fazia versos, cantava por força de uma necessidade organica e abria leiras e sulcos para auxilio da vida. (Telles 1886-1915: fol. 129r.)

O intelectual apresenta uma autorrepresentação de si como indivíduo simples, honesto, gentil, dedicado e generoso, que valoriza a integridade moral e não busca reconhecimento ou fama, mas aceita com gratidão o reconhecimento e oportunidades que lhe são oferecidos, enquanto permanece fiel aos seus princípios e valores:

Sou por indole em extremo acanhado. Tenho medo de exhibir-me quando em certas occasiões sou obrigado a falar de mim mesmo. Entendo que sou pequeno diante de Um protector, quero ser igual a elle em bondade e vehemencia do affecto. (Telles 1886-1915: fol. 4r.)

Tenho sido victima de muitas propostas vantajosas, todas porém repugnam a minha consciencia. Quero a sancção do meu direito por melhores caminhos legaes. (Telles 1886-1915: fol. 196v.)

No desfecho deste capítulo, emerge não apenas a narrativa íntima de um escritor até então “obscuro”, mas também a importância vital dos arquivos pessoais na preservação da memória literária e cultural. Ao adentrar nos arquivos pessoais, onde repousam manuscritos, correspondências e anotações, de autores renomados e desconhecidos, como Manuel dos Passos de Oliveira Telles, revela-se um tesouro de aspectos sobre sua vida e obra. É nas entrelinhas desses documentos que se encontram

as sementes de inspiração, os dilemas existenciais e as motivações que impulsionam a escrita autobiográfica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade deste trabalho reside em seu objeto, qual seja o acervo autobiográfico de um escritor pouco conhecido no Brasil por sua produção literária, muito por conta de ter vivido afastado dos grandes centros literários e de cultura e também do ineditismo de sua obra. Assim, uma das contribuições desta proposta é a superação de uma lacuna nos estudos sobre a vida e a obra de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, considerando, especialmente, as fontes produzidas pelo próprio autor.

Há que se apontar ainda que um trabalho como este, que lida com um gênero até pouco tempo marginal, como o autobiográfico, mas que vem ganhando nos últimos anos grande repercussão entre leitores, escritores e pesquisadores, dentro e fora da academia, tem muito a acrescentar ao conjunto do conhecimento científico sobre o tema em diversas áreas, a exemplo das Ciências Sociais, da Psicologia, da Educação, da História, da Arquivística, da Literatura, da Linguística, da Filologia, entre outras.

Ganha relevância também a análise da expressão do eu, da subjetividade de um indivíduo narrativo que se dedicou ao desafio de resgate memorialístico de fatos, situações, experiências e sentimentos que marcaram sua trajetória pessoal e profissional. Como escrita de si, vislumbra-se no discurso autobiográfico a construção de uma imagem de si, a representatividade do eu, mas também há a integração da perspectiva coletiva, porque ao narrar sua história, o autor compartilha suas impressões e visão de mundo sobre a sociedade.

## OBRAS CITADAS

AMARAL, Pauliane. O advento dos estudos (auto)biográficos: entre a ascensão do privado e a identidade do autor. *Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da Abralic: experiências literárias, textualidades contemporâneas*, 2017. 339-350.

ARTIÈRS, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, maio/ ago. 2016.

CAMARGO, Ana Maria. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, vol. 45, n. 2, p. 26-39, jul-dez 2009. Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A02.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf).

CARVALHO, Maria da Conceição. *Cordialmente, Eduardo Frieiro*: fragmentos (auto)biográficos. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CHIZOLINI, Isabela Costa. *Simplesmente um Obscuro Intelectual Sergipano: Escritos sobre a vida íntima de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1885-1928)*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.

CHIZOLINI, Isabela Costa. *Catálogo do Fundo Manuel dos Passos de Oliveira Telles*. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2005.

COSTA, Eunaldo. *Manuel dos Passos*. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1955.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREITAS, Itamar. Os Sergipenses de Oliveira Telles. *A Semana em Foco*, Aracaju, p. 10A, 26 set. 2004.

GUARANÁ, Armindo. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, Bacharel. *Diccionario Bibliografico Sergipano*. Rio de Janeiro: Ponjeti, 1925. 216-217.

HEYMANN, Luciana Q. O Indivíduo Fora do Lugar. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, vol. 45, n. 2, p. 40-57, jul-dez 2009. Disponível em: [http://www.siaa-pm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A03.pdf](http://www.siaa-pm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A03.pdf).

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha; Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. Eneida Maria de Souza & Wander Mello Miranda, orgs. *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 141-156.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NASCIMENTO, José Anderson. Manoel dos Passos de Oliveira Teles. *Perfis Acadêmicos*. Aracaju: EDISE, 2017. Disponível em: <https://letrassergipanas.com.br/academicos>.

OLIVEIRA, Cibele de Carvalho de. *Inventário do Fundo Oliveira Telles*. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SEARA, Isabel Roboredo. A escrita como revelação do 'eu'. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 73-89, jan./abril 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linha-dagua/article/view/142303>.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. *Caderneta de apontamentos (1914-1927)*. Fundo Oliveira Telles do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, manuscrito, Cx. 189, doc. 009.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. *Cartas Íntimas e Literárias (1886-1915)*. Fundo Oliveira Telles do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, manuscrito, Cx. 186, doc. 003, vol. 3.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. *Sergipenses*. 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013.